

A IMPRENSA

CONFERENÇA FEITA

18 de Maio de 1902

Círculo Católico da Mocidade

EM PRESENÇA DE

Exm. e Revm. Sr. D. Joaquim Arboleda

Secretário da Soc. de Amigos

PEL

DR. CARLOS DE LAET

II

RIO DE JANEIRO

Edifícios da *Imprensa do Brasil* — General

1902

090,003,042 n 005

A IMPRENSA

CONFERENCIA FEITA

EM

8 de Maio de 1902

NO

Círculo Católico da Mocidade

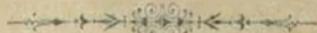
EM PRESENÇA DO

Exm. e Revm. Sr. D. Joaquim Arcosverde

Arcebispo do Rio de Janeiro

PELO

DR. CARLOS DE LAET



9

RIO DE JANEIRO

Oficinas do *Jornal do Brasil* — Gonçalves Dias 54

III

1902



188308 44
6545

070

CONFERENCIA

SUMMARIO.—Elogios e vituperios: o termo médio.—A tyrannia da imprensa—Predominio de poucos sobre muitos.—O quarto poder do Estado—A imprensa invasora do lar doméstico.—*Non sine causa glatum portat.*—Pelourinho sem sentença.—Tyrannia da incompetencia.—A imprensa política e a neutra: publicações a pedido.—Oligarchia, ochlocracia.—O duello e os tribunaes.—O anonymato constitucionalmente proibido.—O verdadeiro remedio.—*Commocebuntur simulacra...*

Exm. e Revm. Sr. Arcebispo.—Revms. Srs. Membros do Clero.—Exmas. senhoras.—Meus senhores

Propondo-me ocupar a vossa benevol a attenção durante alguns minutos, julgo acertado orientar-vos quanto ao objecto desta conferencia, pois que da vaga e indeterminada enunciaçao do seu thema quasi nada se pôde colher.

Eu não venho, senhores, dissertar em estylo florido sobre a importancia e as vantagens da imprensa. Sei que fallo diante de pessoas illustradas, e com elles perderia tempo amplificando tales *logares communs*. A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgaçao do pensamento, e pô-lo em duvida seria arremessar o paradoxo contra a evidencia.



Não venho tampouco, senhores, formular um libello contra a nobre filha de Guttenberg, como se diz em estylo de *reporter*, e muito menos ainda atacar a imprensa republicana, como assoalhou um papel diario de hoje.

Em primeiro logar, quando occupo esta tribuna, que algo tem da cadeira da verdade, posto que em plana muito inferior, e quando assim obedego ás ordens da illustre directoria desta dignissima associação, eu deixo lá fóra todas as minhas aspirações politicas e quaesquer resentimentos de escriptor. E depois, senhores, preciso me é dizer-vos que nenhuma quicixa tenho da imprensa do meu paiz.

Effectivamente, ella me tem conferido, nos meus vinte e seis annos de jornalismo, todos os elogios e... todas as contumelias. (*Riso*)

E' exacto. Em 1880 um critico muito notavel e competente, o sr. dr. Sylvio Romero, assegurava (pondoo-me, aliás, em bôa compachia) que na roda litteraria fluminense havia tres rematados idiotas. Um era o sr. Machado de Assis (*riso*); o outro era o finado viseconde de Taunay; o terceiro, escusado é dizer-vos que era eu. (*Hilaridade*) Ultimamente, porém, no longo, largo e grosso livro publicacio para celebrar o quarto centenario da descoberta do Brasil, o mesmíssimo critico, sempre competente e notavel, conferiu-me um posto de honra entre os dezeseis principes da prosa nacional. Lá está na pagina 125 (eu decorei a pagina): são dezeseis os principes, nom mais nem menos (*riso*) e eu sou um delles...

Com o sr. José do Patrocínio dá-se a mesma cousa. Ora para esse publicista eu sou o varão imperterritó que, tudo sacrificando á defesa de uma idéa, permaneço de pé sobre os escombros dà monarchia; ora o lacaio do Ouro Preto (*riso*) a singir que propugno a religião para fazer uma arma politica. Paciente eu tolero a affronta, satisfeito agradeço o cortejo; e, quando me encontro com esse cavalheiro, a minha primeira pergunta é esta: — José, em que ponto nos achamos? teu ultimo artigo foi elogio ou descompostura? Elle, com todo o seu bom

coração, afflança que me quer muito... Somos excellentes amigos. (*Hilaridade*.)

Um dos papeis que diariamente se estampam nesta cidade, no dia de meus annos, em 3 de outubro proximo passado, descobriu que eu era isto: «Publicista terso e impeccavel, caracter de tempera rara, espirito desinteressado e indomavel, condensando a sua vida publica em um exemplo de desassombro e de intransigencia, que ha de honrar-lhe o nome através da nossa historia.» Eis o meu bello retrato de homem publico; agora o do homem particular: «Em sua alma, o fervor das crenças politicas é apenas igual ao culto pela probidade e pelas nobres virtudes que, com o seu talento de eleição, formam na sua individualidade a couraça intangivel com que se apresenta nas lutas jornalisticas.» Muito bem; mas passados oito mezes, o mesmo jornal, cujo nome não cito por desfalecimento de memoria (*riso*), apresentou-me aos seus leitores como um ente asqueroso e com todas as chagas moraes que podem aficiar a humanidade!

Senhores, não fallando dos nossos vultos eminentes, que naturalmente estão sempre em discussão, eu, entre os homens mediocres e merecidamente obscuros, sou aquelle sobre quem mais tem chovido elogios e diatribes. Claro está que nem despenduro as cordas que me oferecem, nem perco o appetite com as descomposturas com que me escovam. (*Hilaridade*). Sabeis o que na arithmetica se entende por *media*. Addicionam-se as parcellas e divide-se a somma pelo numero delas. E' o que tenho feito, e, no fim das contas, acho que ainda foram generosos para commigo.

Nestas condições, bem comprehendéis que nem a gratidão, nem o rancor, nenhuma paixão absolutamente me inspira no que vou dizer; e que o fim desta conferencia é tão sómente de ordem philosophica e social, destinando-se a premunir-vos e aos meus compatriotas em geral, contra aquillo que eu chamo--a *tyrannia da imprensa*.

Tyrannia da imprensa ! Sim, tyrannia da imprensa... Agora está lançada a palavra, *le mot est lâche*... *Nescit vox*

missa reverti, não volta atras o que já se disse, e remedio não tenho sinão justificar a minha these.

Senhores, uma das grandes singularidades dos tempos actuaes é que os povos vivein a combater phantasmas de tyrannias, e indifferentes ás tyrannias verdadeiras. As revoluções derribam monarchas, que ás vezes são magnanimos pastores de povos. Antigamente cortavam-lhes as cabeças, mas hoje nem siquer essa honra lhes fazem: contentam-se com despedil-os, fazem-n'os embarcar a deshoras, porque sabem que já poucos são os reis consciços da sua missão providencial e do seu dever de resistencia .. Por outro lado, apregoa-se a tyrannia do capital; e, aduersa a todo capitalista e a cada emprezario, está uma turba fremente, prestes a tumultuar, quando julga menos. cabados os seus direitos... E todavia, senhores, o povo ainda não comprehendeu que uma das maiores tyrannias que o conculcam é a da imprensa: e, longe de comprehender-o, antes a reputa uma salvaguarda dos seus interesses e a vindicatriz dos seus direitos. E contra este sophisma que ora me insurjo. (*Muito bem!*)

Que é tyrannia, senhores? *Omnis definitio periculosa*, diziam os escolasticos; mas creio não errar deslinindo *tyrannia*—o indebito e oppressivo poder exercido por um, ou por poucos, contra a grande maioria dos seus conterraneos. Ora, esta deslinição maravilhosamente quadra ao chamado poder da imprensa.

Sim, ella é o poder de poucos sobre a massa popular. Contae o numero immenso de homens que não figuram, que não podem figurar na imprensa, uns porque lhes faltam aptidões, outros por negação a esse genero de actividade, outros porque não têm dinheiro ou relações que lhes abram as portas dos jornaes; contae, por outra parte, o minguado numero de jornalistas,—e dizei-me se não se trata de uma verdadeira oligarchia, do temeroso predominio de um pugillo, de um grupinho de homens sobre a quasi totalidade dos seus concidadãos. (*Apoiados*).

E que poder exerce esse grupo minusculo? Enorme.

A imprensa pôde, effectivamente, influir no governo de um paiz, constituindo aquillo que já se chamou—o quarto poder do Estado.

Pôde tornar odioso o chefe de uma nação e concitar contra elle o desprezo, o odio publico e até mesmo a garrucha do assassino, como entre nós se evidenciou no attentado do Arsenal. Quem não se lembra dos incitamentos que armaram o braço de Marcellino Bispo? E, por isto, quando me vieram contar que o assassino fôra um soldado, imediatamente eu retorqui:—Estais enganado, foi um jornalista! (*Muito bem!*)

A imprensa interpõe-se entre o povo e o parlamento. Parlamentos ou congressos (não trato aqui de fórmas governamentaes) devem ser, quando não o sejam, compostos dos homens mais distintos de um paiz, pelos seus conhecimentos e por suas virtudes. Pois bem! O povo não lê o que os seus representantes dizem, lê o que os jornaes querem que elles tenham dito. (Apoiados).

Homens
Não ha entre vós, senhores, sou até capaz de apostal-o, não ha, entre vós todos, meia duzia de traças de bibliotheca que no DIARIO OFICIAL vão ler o que se diz no Congresso; o que se lê são os extractos dos jornaes, extractos incompletos, calando o que possa contrariar a opinião da folha, desenvolvendo o que melhor lhe sabe, e não raro deturpando o pensamento do orador. Parodiando uma celebre definição da arte, posso dizer que a eloquencia politica no Brasil é o Congresso visto através do temperamento do reporter. (Apoiados).

A magistratura no Brasil (quero ainda crê-lo) não é, felizmente, o que della dizem as folhas systematicamente diffamadoras; mas não vale negar a influencia que tambem sobre ella exerce a critica apaixonada dos jornaes. Conheço juizes austeros, soffredores da sua honrada pobreza, incapazes de tocarem em um cestil que licitamente lhes não pertença; e todavia esses magistrados tremem da injuria impressa, e tristemente então decahem da sua habitual rectidão.

Não é sómente, meus senhores, sobre o homem po-

litico e sobre o juiz que se exerce o poderio tyrannico da imprensa : não ha nenhum de vós que esteja isento da mesma prepotencia e a saivo dos mesmos accom-mettimentos. (*apoiados*). Sobre um funcionario publico pode uma folha fazer pairar suspeitas de peculato ou de suborno. O padre mais de uma vez se tem visto des-acatado, nodoando-se-lhe a reputação com ignobres pe-chas. A imprensa calumniadora já tem subido ao solio dos Bispos, e até mesmo ao dos Papas. Pio IX foi um santo, e ninguem ignora quanto correu mundo a torpis-sima flegão dos seus amores... O negociante, o indu-strial, o medico—todos, senhores, todos têm a sua repu-tação, a sua honra, á mercê dessa mysteriosa divindade, dessa potestade que dá e que tira mais do que a vida, porque a honra vale mais que a existencia. (*Muito bem !*)

Em nosso paiz a *liberdade* da injuria e diffamação sómente pára em frente do soldado. O jornalista atiradico á calumnia por via de regra pouco lê a Biblia, mas sem-pre lhe chegou aos ouvidos um trecho de S. Paulo aos Romanos. «*Non sine causa gladium portat*»—disse o Apos-tolo das Gentes. «Não é atoa que elle traz espada á cinta.» (*Riso*) S. Paulo fallava do principe ; mas o jornalismo comprehendeu que hoje não é o principe, que é o solda-do quem traz espada, e prudentemente se abstem de in-vectivar as classes armadas. Resta-lhe o *vulgum pecus* dos paisanos, restamos nós, senhores, para as suas excur-sões e correrias ! (*Muito bem !*).

A tyrannia da imprensa não se detem ante o limiar do lar domestico. Aqui, no Brasil, ella se arroga o di-reito de invadil-o, e de injuriar as mães, as esposas, as filhas dos adversarios. Qualquer que tenha tido a infeli-cidade de incorrer na desaffeição de um tyranno da im-prensa, pôde ser ferido no mais intimo do coração, chas-queado, vilipendiado, esbofeteado pela mão invisivel e incoercivel do jornalismo.

Com demasiada severidade se falla das antigas usan-ças penas. O pelourinho, vós o sabeis, consistia numa columna, erigida em sitio patente, e nella á irrigião pu-

blica eram expostos os criminosos. Quando se abateu o ultimo pelourinho, os povos bateram palmas; mas foi uma grande tolice, porque ao mesmo tempo se armava a imprensa. E a imprensa, senhores, tal como entre nós se entende, é peior do que o pelourinho antigo, porque neste só se expunham os réus legalmente condenados, e a imprensa é o pelourinho sem sentença. (Applausos.)

Lembra-me, senhores, um pobre, um misero operário, cuja filha tinha sido deshonrada por um perverso. Elle padecera, resignado, a tremenda affronta, mas uma cousa sobre todas o affligia e angustiava: a idéa de ver nas folhas, e commentada nos kiosques e nas tabernas a triste narrativa da sua desdita. Para isto me procurou, acreditando, na sua singeleza, que, por ser eu homem da imprensa, teria influencia em toda ella. Dei-lhe um cartão para amigos e inimigos, só me ocorrendo que todos somos homens, e que se tratava de uma desgraça humana. Alguns collegas attenderam-me; outros, não. Perigava a causa da publicidade, se aquele facto escandaloso não fosse divulgado... Foi—e o pobre pae tomou o unico partido convinhavel á sua dolorosa situação. Às vezes *dá vontade de morrer*, escreveu brilhante poeta, Thomas Ribeiro, a uma preclara victima da licença jornalística, a D. Pedro II. O infeliz da nossa veridica historia tomou esse alvitre: morreu! No dia immediato rezavam as folhas que elle succumbira a uma lesão cardiaca; mas eu acho que o coração se lhe estalou de magua, de vergonha, de immensa dor, e quem lh'o estalou foi a imprensa exploradora do escandalo! (Sensação.)

A imprensa arroga-se direitos que a lei discretamente recusa a qualquer cidadão. Sabeis, por exemplo, que o crime de adulterio é passível de penas pelo nosso código; porém, pelo art. 279, § 2º, a accusação deste crime sómente é licita aos conjuges, e ainda mesmo estes ficarão privados do exercicio de tal direito, se por qualquer modo houverem consentido no adulterio. Com esta prudente restrição o legislador penal quiz acautelar o recato do lar domestico e impedir que nas relações intimas entre o marido e a mulher se intromettesse alguém que, male-

volo, expuzesse o casal ao escarneio publico. Pois hem ! para a imprensa entre nos não existe essa barreira, e bem sabecis que na sua furia de invectivar ella não hesita em invadir a casa do adversario para, de mistura com a chefe da fainilia, apunhalar a esposa e os filhos, ferindo-os em sua honra ! A isto, que todos vós faleraes, é que se chama liberdade de imprensa. (*Applausos.*)

Senhores, se nos tempos do feudalismo um castellão se lembrara de agarrar em um homem do povo e de ex-polo, horas e horas á irrisão dos sandens, aos apodos das turbas ignorantes e crueis, esse despoti, julgado pelo criterio democratico, despertaria as mais energicas indignações. Se o mesmo regulo entrasse no lar do villão para devassar-lhe os segredos da familia, certo que coatra si levantaria a animadversão geral. Entretanto, senhores, isto é o que quotidianamente faz a imprensa, e não ha quem contra ella erga um protesto; e, pelo contrario, todos a consideram guarda vigilante dos direitos do povo.

E' uma oligarchia, já vol-o demonstrei, e toda oligarchia é tyrannica. E' uma oligarchia exercendo poder absoluto, tremendo, incontestado :— mas, pelo menos, será uma tyrannia intelligente ?

Longe de mim, senhores, defender tyrannos. Toda a minha vida jornalistica protestaria contra isso. Sou monarchista, não porque tenha sido aulico, pois nunca o fui, quando facilmente o houvera podido ser. Sou monarchista porque entendo que, com a extinta forma de governo, melhor se conciliam as liberdades politicas e civis da minha patria. Longe de mim, repito, a idéa de propugnar tyrannias! Mas, forçoso é reconhecer que as tem havido gloriosas.

Comprehendo, por exemplo, a tyrannia de um Pedro I da Russia, que, no meio dos seus excessos sanguinarios, fazia da barbara Moscovia uma grande potencia civilizada. Comprehendo o absolutismo de um Luiz XIV da França, que era ao mesmo tempo a gloria militar e a gloria litteraria. Comprehendo que durante onze annos tolerasse a França o despotismo do primeiro Napoleão,

pois lhe ampliava as fronteiras e, triumphante, fazia passeiar por toda a Europa o glorioso estandarte tricolor... Mas o que eu não comprehendo é a tyrannia da incompetencia; e a tyrannia da imprensa, senhores, é a tyrannia dos incompetentes. (Applausos).

Sabeis como se faz um jornal? Um homem que deseja ganhar dinheiro, recruta certo numero de collaboradores, para bater moeda com a popularidade e o talento delles. (Riso.) Mas esses são os collaboradores de appa-rato, com responsabilidades proprias, e que de ordinario apenas servem para atrahir sobre a folha as sympathias dos leitores intelligentes e sisudos. Além disso ha, porém, um pessoal completo de cavalheiros desempregados e... inempregaveis. (Riso). Pois bem, nesse pessoal anonymo é que está o nervo do jornal: são elles os que tudo exploram e tudo julgam. São elles a quint'essencia da opinião publica. (Riso). Senhores, fallo por via de regra, e não trato de exceções. Reconheço a alta capacidade intellectual, a perfeita integridade moral de muitos collegas do jornalismo, aos quaes antes tenho por mestres do que por simples companheiros. Desto modo, senhores, si entre vós algum ha a quem possa incomodar a verdade, eu lhe peço que se considere em o numero das exceções. (Riso). Abstraia de si e pense no vizinho. (Hilaridade prolongada).

Nas redacções, como auxiliares, como reporters, muitas vezes sem categoria definida, figuram moços madraços ou pouco intelligentes, que não lograram terminar os seus cursos superiores, e que mesmo nem sempre concluiram os preparatorios: rapazes que, não tendo habilitações para medicos, advogados, professores ou engenheiros, nem coragem para a labutação do commercio e o mourejar das industrias, acham mais comodo fazer-se criticos e hypercriticos, litterarios, scientificos, theatraes. E é diante dessa gente, senhores, que tremem os velhos homens de sciencia, os verdadeiros letrados, os artistas conscienciosos e sabedores. (Muito bem!)

Incríveis são as enormidades que proferem taes ora-

culos. Nenhum respeito lhes inspiram os cabellos brancos, que, de ordinario, constituem seguro indicio de experencia e saber. Quando se publicou a 2^a tiragem do *Direitos de Familia*, do sr. conselheiro Lafayette, cidadão suspeito, como eu (riso), mas sobre cuja erudição juridica creio que não ha duas opiniões (apoiados), um reporter, incumbido da critica do livro, sentenciou que — era um acervo de disposições antiquadas, e em cuja compilação o autor se mostrava de todo alheio aos modernos progressos da *criminologia alemã*. (*Hilaridade*).

Não ha muito tempo fui assistir a um concerto; e lá encontrei um violinista, meu amigo, primoroso artista, todo inquieto e receoso. Apertei-lhe a mão: estava gelada! — Confessa, disse-lhe eu, que o publico é uma temerosa entidade, porque assusta a um mestre da tua força... E elle, suspirando: — Não é o publico, disse, quem me mette medo; é aquelle reporter que alli está, e quando me desafecto, vae amanhã forçosamente metter-me as botas! (Riso). O artista emerito e laureado tremia do rapazelho quasi imberbe e que não sabia uma nota de musica! (Muito bem!)

UMA VOZ — E' a pura verdade!

O ORADOR — E' a verdade, senhores, e todos a ella vos submetteis. O proprio padre, que mais do que qualquer outro poderia parecer isento do preconceito, tambem lhe paga tributo. Ha pregadores que no pulpito desfalecem, e a quem se entibiam as expressões, quando, de um canto da egreja, percebem assestado o minoculo insolente de um reporter.

A's vezes a critica, no meio da sua ferocidade, caem singulares distracções. Permitti a evocação de um reminiscencia pessoal. Em 95 publiquei um volume, justamente ignorado, e ao qual dei o titulo *Em Minas*. O sr. José Verissimo, que foi meu discípulo, cujo merecimento reconheço, e que de todo não inclui em o numero dos ignorantes a que alludi, tomou conta do meu livrinho (riso), e applicou-lhe paternaes correções. Para completamente acaçapar-me, de que se lembraria elle?

De estabelecer um parallelo entre o meu estylo e o de dous magnatas, o sr. Machado de Assis e o sr. Ruy Barbosa. Claro está que, comparao com estes astros de primeira grandeza, eu, que apenas sou da decima sexta, o que é o limite da visibilidade telescopica (*Riso*), naturalmente fiquei desmoralisado. O critico descobriu que eu usava da syntaxe quinhentista e que abusava da construcão indirecta... Emfim, notou que o indice sahira errado... (*Riso*). Mas, infelizmente, a essa implacavel judicatura escaparam graves excentricidades grammaticaes. Havia phrases como esti:—*de quem se os não possa notar*. E eu, então, passei um cartão ao meu ex-discípulo, fazendo-lhe sentir que elle esquecera a syntaxe dos pronomes. (*Hilaridade*).

Nos theatros a imprensa exerce uma tyrannia que chega ás raias da crueldade. Triste da empreza que não envia camarotes e cadeiras á critica dos jornaes! Desgraçado o actor que não dobra a cerviz aos meninotes encarregados do serviço dos espectaculos! Infeliz a cantora que gentilmente não sorria ao escrevinhador quasi analphabeto! Incorrer no desagrado das folhas é desencadear contra si uma avalanche de improperios e injustiças.

Para o mister de jornalista não é preciso demonstrar aptidão. O jornalista moderno é o caso unico de autogenese, de geração espontânea que escapou ás pesquisas de Pasteur. Elles, os oráculos da imprensa, fazem-se por si mesmos, e, quando surgem, já estão promptinhos, armados de todas as peças. Ha concursos para a repartição do correio, para as secretarias, para a alfandega, para o thesouro; n'outro dia veiu um rapazinho pedir-me lhe explicasse logarithmos, para um concurso de amanuense na fabrica de cartuchos. (*Hilaridade*). Para a imprensa é que não... Senhores, eu vos pergunto, qual é mais difícil de dirigir — um tilbury, ou a opinião publica? Pois bem: para governar um tilbury é preciso um exame, é preciso tirar uma carta, e para director da opinião não se precisa de prova nenhuma! (*Applausos*).

As vezes, neste meu peregrinar do jornalismo, vou dar com discípulos meus, naufragos dos cursos acade-

micos, ou, peior ainda, miserandas victimas dos exames geraes. Pergunto-lhes que fazem — são meus collegas, são jornalistas. *Promplos decidem de que nada entendem*, como lá diz um poeta. No dia immediato ao da sua reprevação em portuguez ou em arithmetic, um rapazinho desses discute as mais elevadas questões sociaes, reputa-se omnisciente e sobre a toleima publica funda a sua reputação de jornalista.

Diante desta ordem de cousas, verga o povo a cabeça e nascem as mais estranhas abjecções. Exceptuados alguns poucos philosophos que a desdenham, todos os mais são cortezões da incompetencia jornalistica. E' preciso não ter trabalhado em uma redacção para não saber até onde chega a subserviencia do povo para com a imprensa que o tyrannisa. Não raro, vendo ali genitflexos e timidos homens de merecimento inui superior ao daquelles que os tinham de julgar, vieram-me impetos de clamar-lhes como um revolucionario francez: — Mas levantae-vos, senhores! Os vossos algozes apenas vos dominam, porque vós estaes de joelhos! (*Muito bem!*)

— Senhores, neste combate á superstição da imprensa, eu tenho a necessidade de impugnar certas idéas falsas, e que apenas se afiguram verdadeiras porque são a miude repetidas. A imprensa politica, dizem alguns, era apaixonada e vehemente; suprimil-a foi um bem. As *publicações a pedido*, asseguram outros, são um meio indecente de provocar debates pessoaes: urge acabar com ellas. Tudo isto, senhores, não é verdade. A imprensa politica era uma garantia. Os *a pedido* são a unica arma facultada ao povo, nesta nossa desgraçada imprensa, para vindicar a sua honra e o seu direito.

— Singular paiz! — disse, fallando de nós, um illustre diplomata argentino, creio que o sr. Avellaneda: «singular paiz! Tem partidos sem imprensa e imprensa sem partidos!» E tinha razão. O jornal politico é uma phalange aggremiada em torno de uma idéa, de uma aspiração, de uma ambição, si o quizerdes, mas de uma ambição definida em um lemma social. (*Apoiados.*) A imprensa vasada nestes moldes oferece garantias de moralidade.

Nella vigiam-se uns aos outros. Os chefes não podem tergiversar, porque perderiam a confiança dos soldados; os soldados não podem bandear-se, que o não permittiriam os seus camaradas de fileira. Na imprensa neutra, não: não ha compromisso de especia alguma. Bajula-se hoje para atacar amanhã, ou *vice-versa*, segundo o interesse pessoal do director da folha. A todo momento esse especulador pôde vender-se, sem que o interpellem seus collaboradores, que nada têm com isto. Ninguem lhe toma contas e elle não as presta a ninguem, nem a DEUS, em quem não crê, nem á opinião publica, que elle acredita ser feitura sua. (*Muito bem!*)

Quanto aos *apelido*, senhores, eu vos peço que, por um momento, vos colloqueis na posigão de homem injuriado. Correis á folha calumniadora, e ella vos recusa inserção para o artigo em que vibrais a replica indignada; ides aos outros jornaes, e destes uns por inedito, outros por excesso de prudencia (*riso*), nem s'quer toleram que nas suas columnas se imprima o nome do calumniador. Eis uma defesa abafada, uma victima esmagada, uma reputação talvez perdida, si não se abrir ao injuriado, na arena da opinião, uma passagem por ondo-penetre, sósinho, mas forte na sua innocencia, e desaflando á prova o miserável que o aggrediu. (*Apoiados.*) Constituida, como entre nós se acha a imprensa, e tendo os jornaes todos os direitos sobre o povo e nenhum dever para com elle, todo homem, que não seja um jornalista, precisa de tal meio para a defesa de sua reputação e da de sua familia. (*Apoiados.*)

Accresce, meus senhores, que a oligarchia do jornalismo precisa, como todas as tyrannias, lisongear, bajular as multidões. Quando Nero, na antiga Roma, perseguiu e fazia morrer a gente de bem, não trepidava em baixar aos circos e mendigar o aplauso da populaça. Toda oligarchia, senhores, baseia-se na ochlocracia; e permitti que aos menos sabedores eu explane a significação destes derivados gregos. *Oligos* quer dizer *pouco*; *oligarchia* é o governo, é o predominio de poucos, que, aliás, podem ser bons; mas *ochlos* quer dizer *canalha*; *ochlocracia* é o

predominio da canalha, a imprensa diária, por garantir os interesses do seu balcão, e talmente adula a canalha.

Veis bem, senhores, e agora especialmente me dirijo aos cavalheiros que por ventura estejam tomando notas para os seus roteiros, vede bem, senhores, que eu não confundo *povo* e *canalha*. Não se me vá dar amanhã o desgosto de ler que eu injuriiei a imprensa e que chamei de canalha ao povo soberano (*Hilaridade*.) A nota distinativa entre povo e canalha está, não na hierarchia social, não na pobreza ou riqueza do individuo, mas na nobreza de seus sentimentos. Ha canalhas de fraque e flor à boteria; no passo que, sob a camisa suarenta do operario, pulsa muitas vezes um coração de ouro. (*Applausos prolongados*.) O que vos digo é que a imprensa, para viver, lisonjeia os instintos da canalha, impellida por baixos instintos e prazeres dos vícios.

A canalha é uma classe lasciva, amado jogar-se, imbrapar-se em espetáculos sanguinários, e dahi as descrições inunuciosas de sucessos lubrificos, de atos odiosos contra o pudor, de nefandas violências, que caíram semelhante devêram ter ficado na penumbra do velho encadriado. Ao lado do artigo de fundo, moralista, e condenando a corrupção da jogatina, insinua-se a versatilidade, fornecendo *palpites para o bicho*... E como pasto ao morbido appetite de certa classe de leitores sparralhá-mise as descrições dos crimes *sensacionaes*. (*Apelados*).

Todos os poderes tem a sua limitação e responsabilidade; nisto, senhores, se acha o essencial da liberdade política e das garantias civis. Mas—eu volto pergunto—onde a limitação, onde a responsabilidade, onde o correctivo da imprensa? Examinemos a questão.

Imaginai um homem, um dentre vós, vilipendiado por um jornal que o ataque na sua honra, ou na da sua família; que partido tomar?

O primeiro impulso é o de uma desforra pessoal. Senhores, eu sou por indole adverso ao derramamento de sangue, e quando em algum tempo, na minha atribulada existência, tive de enfrentar, sós, a revolução victoriosa, dirigindo-me à redacção do meu

jornal, quotidianamente ameaçado, uma cousa pedia a Deus, e era que, se eu tivesse de morrer vítima de violencia, não me permittisse matar inutilmente, no exercicio do meu direito de legitima defesa. Sou avesso a derramar sangue humano: mas confesso, senhores, que circumstancia ha em que se comprehende o prazer de jogar a vida contra a do infame que injustamente nos aggrixe e calunia... Ah! porém, Exmo. Sr. (voltando-se para o Sr. Arcebispo) a nossa religião, a religião de que V. Ex. é autorisado mestre, ata-nos as mãos, a nós os catholicos, e absolutamente nos veda esse genero de solução.

Em vão contarei ao padre, que me tem de julgar em nome do CHRISTO, a indignidade da affronta, a villania dos meios, a baixeza das accusações do meu detractor; e elle, para responder-me, só terá, na sua lapidar concisão, o preceito do Decalogo: Não matarás! (Applausos.) O assassinato, senhores, não pode satisfazer ás necessidades de um nobre desfogo; e o duello está condemnado pela Egreja e pela lei.

Nem é tão sómente pelos codigos e pela Religião: o duello entre nós está desmoralizado e caiu no ridiculo. (Apoiados.)

Permitir, senhores, que, para amenisar o sacrificio que vos imponho nesta longuissima perlenda (*não apoia-dos*), permiti que episodicamente vos refira a historia dos meus dous duellos.

Senhores, eu fui desafiado duas vezes, por motivos de imprensa. Da primeira, quem me chamou a combate foi o meu collega, dr. Valentim Magalhães. Era costume deste escriptor, aliás não pouco aggressivo, alludir, quando atacado, à tristeza dos seus, em o vendo alvo de adversas fréchadas. E fui então eu e, com malicia que já não tenho, comparei tal processo á das macacas, que, alvejadas pelo caçador, lhe mostram a prole. Portador das reclamações do dr. Valentim foi o meu hoje especial amigo sr. dr. Affonso Celso, que para tal fim me procurou no *Jornal do Commercio*. O susto que me causou tal negocio (*riso*) não foi, na verdade, muito grande, por-

que logo me chegou aos ouvidos que o dr. Valentim atirava muito mal (*Riso*); mas, emsí, era preciso um desfecho honroso para ambas as partes. Então, ao enviado do meu adversario assegurei que tudo explicaria em uma carta publica; e nesta, despendendo todo o cabedal da minha zoologia (*Riso*), exuberantemente provei que, desde a criação do mundo até ao anno da graça então fluente, jámais a macaca fóra tomada como symbolo de cobardia, mas antes como de solerçia, de astucia, de gentilissima esperteza. O sr. dr. Valentim, ouvindo os dictames da boa razão, deixou-se convencer; e o gracioso incidente até contribuiu para mais estreitar a nossa reciproca sympathia. (*Riso*)...

O outro caso foi mais serio. Em um desses deslises de phrase a que nem sempre escapam os jornalistas, eu emittira sobre a Guarda Nacional (patriotica instituição, digna, aliás, de todo o respeito) uma opinião que pareceu malsoante a certo membro provinciano dessa milícia. Mandou elle entender-se comigo um collega seu, que me procurou fardado. Este intimou-me á explicação do meu pensamento, mas em termos taes que lhe não pude attender. — Não lhe faria a vontade (disse-lhe eu), nem que v. s. fosse da primeira linha (*Hilaridade*.) O caso complicou-se. Então, para abreviar aquillo, tratei logo de estipular as condições em que seria possivel o recontro...

— Meu caro senhor, ponderei ao terrivel negociador, devo confessar-lhe os apuros em que me colloca a sua exigencia. Eu tive uma educação muito incompleta, como a de quasi todos os moços do meu tempo... Ensinararam-me uma porção de cousas inuteis: eu sei algebra, eu sei grego, mas nada conheço do jogo da espada. Nestas condições não me exponho ao ridiculo de empunhar o ferro homicida, como quem segura em um espeto. Resta a pistola; mas sou terrivelmente myope: gráu 6! Expor-me-ia a matar alguma das testemunhas. (*Riso*.) Ouça, pois, as minhas condições, unicas a que me submetto, leal e confiadamente. Os senhores tomarão duas armas de fogo; carregarão uma dellas pelo modo mais

formidavel que possam, com balas explosivas, si as encontrarem no mercado... Eu e o sr. major (o meu adversario) tiraremos á sorte: um ficará com a arma carregada, o outro com a arma inocente, e disparemos a dez passos, para não errar... Não sei porque, mas não foi aceito o meu alvitre; o homem saiu horrorizado. (*Hilaridade*).

De tudo isto, senhores, que vos acabo de referir, o que se deprehende é que o duello não está em nossos costumes, e que caiu no menosprezo publico. Não é nelle, ainda quando nol-o permittisse a Religião, que encontrariamos recurso para o caso de que tratamos. (*Apoia-dos*.) Vejamos agora o appello aos tribunaes.

Entre os crimes contra a honra e a boa fama alheias, o nosso codigo penal enumera — a *calunia* e a *injuria*.

Esta é a imputação de vicios ou defeitos que possam expôr uma pessoa ao odio ou ao desprezo publico; é a imputação de factos offensivos da reputação, do decoro e da honra; é a palavra e até mesmo o gesto ou signal reputado insultante na opinião publica. Mas nos processos de injuria há a chamada *compensação*, do art. 322. «As injurias compensam-se (diz elle): em consequencia não poderão querellar por injuria os que reciprocamente se injuriarem.» Eis a porta aberta para os insultadores de imprensa. Basta que o aggredido, por um movimento natural de repulsa, se volva contra o aggressor e profla uma palavra de indignação, para que a *compensação* seja invocada e o insultador escape incolum.

Não phantasio, senhores. Conheço o facto, assás recente, de dous cavalheiros, jornalistas, que no mais intimo das suas affeições de familia foram brutal e soezmente accomettidos nas publicações ineditoriaes de um grande orgão, em artigo assignado. Chamaram aos tribunaes o criminoso; a injuria era patente, era atroz, era inqualificavel, era revoltante, porque, além dos homens, ia ferir senhoras distinctissimas; mas como aquelles cavalheiros tinham accusado de desidia o autor da aggressão, tanto chegou para que tudo se julgasse compensado, e para que a justiça publica abrisse mão do

dever, que lhe assiste, de proteger não sómente a vida, a segurança material, mas tambem a boa fama do cidadão e de sua familia!

Outras vezes, a injuria é reconhecida; mas a decisão dos tribunaes firma extravagante doutrina. Lembra-me, entre outros, aquelle caso que ocorreu com um veneravel monge desta cidade. N'um bello dia, leram com assombro os seus amigos, em folha de grande circulação, e cujo director é um dos pro-homens da republica, a noticia de espantosa violencia que teria sido perpetrada pelo monge contra indefesa dama. Os epithetos de invectiva não faltaram: *frade relapso, satyro sagrado, monstro de burla, indigno servidor do Christo*, etc., etc. O pobre religioso correu aos seus superiores na hierarchia da Egreja; humilde e resignado fallou, expoz a verdade, justificou-se. Quando se ergueu, estava absolvido. Mas restava-lhe rehabilitar-se perante a opiniao publica: Processou o jornal diffamador. Sabeis que lhe aconteceu? Obteve uma sentença absolvendo a folha poderosa, e isto porque, no entender do juiz, o responsavel pela noticia usara de todos aqueles epithetos infamantes, não para injuriar, mas simplesmente para contar; tinha havido o *animus narrandi* e não o *animus injuriandi*. O diffamador sahiu illeso, o injuriado teve de pagar as custas! (*Sensação*).

Oh! eu vos conjuro, senhores, nunca chameis à responsabilidade quem vos injurie. É tempo, é paciencia, é dinheiro perdido. Nossas leis são para os insultadores da imprensa o mesmo que uma teia de aranha para apanhar grandes aves de rapina...

E com o crime de calumnia? Com este, senhores, vale a pena tentar a experienca... (*Riso*). Calumnia, segundo o Codigo, é a falsa imputação, feita a alguem, de facto que a lei qualifica crime... Sim... Arrastaes ao tribunal o miseravel que vos attribúa o crime de que estaes limpo perante DEUS e a vossa consciencia! Desafiae-o á prova, á *excepção da verdade*, como se diz em termos juridicos. E para honra, já não direi da nossa tão calumniada magistratura, mas, até mesmo o digo, por

honra do genero humano, quero crêr que juiz não haja que ouse denegrir o innocent para innocentar o calumniador. No dia em que tal se fizesse, tudo estaria humanamente perdido, e a mão de Deus, mais do que sobre o calumnia lor, pesaria sobre o juiz que também o fosse! (Applausos prolongados.)

Senhores, em tudo quanto acabo de expôr, eu tenho fallado de vós, e não de mim. Injuriado, calumniado, eu, jornalista, teria, para desafrontar-me, as columnas dos jornaes que solicitam a minha collaboração; e, quando elles me faltassem, quando áhi se me escasseassem os recursos da defesa, onde quer que fosse, eu improvisaria uma tribuna (*muito bem!*), e onde quer que existam homens de bem, estou certo que não seria condemnado. (Applausos). Falto por vós, senhores, por vós todos, indefesos, desarinados, ex postos todos os dias ás tyrannias da imprensa.

Qual, porém, o remedio, perguntar-me-heis, contra os males que assinalais? *Difficilem rem postulas*. O remedio? Além da ação dos tribunaes, aliás morosa e quasi nulla no caso de injuria, como deixei provado, ha um palliativo, e é o da Constituição de 24 de fevereiro de 1891. No seu artigo 72, § 12, *in fine*, diz ella: «*Não é permitido o anonymato.*» Não é permittido; nada mais terminante; porém tomae uma folha diaria qualquer, e, da primeira á ultima linha, lereis artigos anonymos. A Constituição não é executada.

Um dos *ulemas* do direito constitucional da república, o dr. José Soriano de Souza, commentando essa disposição, pondera: «A obrigaçao de assignar os artigos é, sem duvida, uma restriçao da liberdade, sem sufficientes compensações.» Restriçao da liberdade! Como se fosse restringir a liberdade assumir cada qual a responsabilidade dos seus actos! E prosegue o mesmo commentador:

«Em muitos casos, se não se assigna o artigo, não é por medo da responsabilidade, mas pelo desejo de que elle produza *melhor effeito*. E' sabido que o nome do autor pôde despertar prevenção desfavoravel naquelles

que, por inveja ou rivalidade, não gostam do escriptor. Muitas vezes não se lê o artigo, porque o signatário é pessoa obscura; outras se lê com prevenção e só pelo desejo de refutar.»

Tudo isto, senhores, é artificioso e admitté reversão. Se o nome do signatário ás vezes só por si provoca desconfiança, outras vezes concilia a adhesão dos leitores. Este é o premio, aquella a pena do escriptor, segundo a sua boa ou má reputação. Argumentando com igual força de lógica, o douto commentador chegaria a pedir para os oradores o disfarce da mascara, e transformaria o convívio cívico num vasto carnaval.

Conclue elle: «Accresce, ainda, que o fallar em nome collectivo, como é a redacção de um jornal, dá mais valor ao artigo; então não é um individuo que falla, mas um partido.» (*Principios Geraes de Direito Publico e Constitucional*, Rio, 1893, pag. 432).

Senhores, é contra esse sophisma que me levanto. Estou fallando deante da mais alta autoridade desta província eclesiástica (*volvendo se para o Exmo. sr. Arcebispo*) e deante de um conspícuo representante da força pública, (*volvendo-se para o representante do sr. chefe de polícia*); mas, no terreno theórico, tenho o direito de enunciar que entre a Constituição republicana de 1891, e a monarchica de 1825, todas as minhas predilecções são pela antiga, como a que melhormente assegura as liberdades populares. Entretanto, senhores, a Constituição republicana (francamente o declaro) tem uma disposição salutar que fallecia à monarchica; é a proibição do anonymato: mas esta não se cumpre! Monarchista, eu claimo, eu insisto para que se cumpra a Constituição republicana: urge acabar com o anonymato. (*Apoiados.*)

E porque, senhores? Porque no meio do geral desfibramento em que ora se entibiam todas as reacções honestas, eu quero que, pelo menos, saibam quem vos insulta. Quando algum de vós se sentir atacado em sua reputação, o público olhará para a vítima e para o insultador; e si este fôr um notório especulador e frequentador de maus logares, um pedinchão e um ingrato, um

devasso, um ebrio habitual, já se sabe que valor podem ter as suas invectivas. (*Apoiados geraes.*) O que cumpre, senhores, é terminar a abusiva pratica com que uma individualidade mesquinha, e não raro ascorosa, se prestigia com o nome de um jornal, figurando uma entidade mysteriosa, mas que não existe. Os ataques sordidos, por mais virulentos que sejam, não podem prejudicar, em se sabendo donde partem. (*Apoiados.*)

Mas isto seria um palliativo, já vol-o disse, e vós quereis um remedio. Um remedio ! Este, sómente o poderá dar a reforma dos costumes, promovida pela Religião. Seria preciso que com a moral christã se incutisse no espirito dos jornalistas o preceito de respeitar tanto a vida quanto a reputação de outrem. Seria preciso que, pelo temor de DEUS, se penetrassem os homens da imprensa que não menos abominável é o sicario vulgar do que o assassino da honra alheia. (*Apoiados.*)

Esta accão lenta, mas efficaz e infallivel, da Religião sobre a imprensa, digne-se v. ex. de promovel-a, e terá bem merecido do Céo. Em quanto ella não se faz sentir, eu, christão e homem do povo antes de ser jornalista, cumpro o meu dever, aqui premunindo os meus compatriotas contra a tyrannia que os ameaça, e mostrando-lhes, para encorajal-os, a ridicula phantasmagoria, o irrisorio apparato desse monstro que os faz tremer. Homens de boa vontade, o tyranno só vale pelo temor que lhe votaes. Não lhe ligueis credito sem provas; não lhe favoreçaeis a ganancia, comprando-lhe os pasquins; afastae do vosso lar domestico os jornaes indecorosos — e metade da campanha estará feita. Elles abrem logar na sociedade, não a golpes de talento, mas a estardalhaços de escandalo... Elles vivem, como abjectos tortulhos, das humidades malsans do vosso appetite de novidades. (*Muito bem !*) No dia em que a probidade popular volver costas ao jornalista diffamador, o miseravel morrerá de asphyxia, debatendo-se no vacuo. (*Muito bem !*)

Eis, exm. sr. Arcebispo, o punhado de verdades que a respeito da tyrannia da imprensa vim trazer, senão

803857
1951



com a minha illustração, que é nulla, ao menos com a minha experiença de vinte e seis annos, que tantes conto eu de jornalismo.

Refere uma tradição respeitável que, quando a SANTA FAMÍLIA fugiu para o Egypto, por onde quer que passava o MENINO Deus, despedagados tombavam os ídolos. Assim se cumpriram, dizem os exegetas, aquellas palavras de Isaia: *Ecce Dominus ascendet super nubem levem, et in reditu suo Egyptum, et commoverebuntur simulacra Egypti a facie eius.* (XIX, 1.) «Eis ahi subirá o SENHOR sobre uma nuvem leve, e entrará no Egypto, e os simulacros do Egypto se commoverão diante de sua face.» Mas Deus, exm. sr., muitas vezes permite que por terra caiam os manipansos, as abusões, as tyrannias, as injustiças, as mentiras, não só ante o divino conspecto, mas até mesmo ante *similares* verdades, proclamadas pelo mais humilde orador.

Essas verdades, senhores, eu vol-as acabo de atirar; e possam elas derribar os falsos ídolos da imprensa! (Muito bem! *Applausos prolongados. O orador é felicitado pelo exm. r. Arcebispo e por muitas outras pessoas.*)